

CONSUMISMO E GERAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Manuel Rolando Berríos

RESUMO:

Desde os tempos mais primitivos, o homem produz resíduos sob diferentes formas, oriundos da ação de apropriação da natureza para satisfazer suas necessidades. Com o avanço científico e técnico, os resíduos se diversificam e se tornam mais complexos na sua composição. O advento do capitalismo impõe novas necessidades, incentivando o consumo de objetos. Boa parte da humanidade entrou numa verdadeira febre consumista. Esse *paper* discute a criação de novas necessidades no modelo neoliberal, que empurra o consumidor a adquirir bens e serviços desnecessários, elaborados para ter curta duração ou descartáveis. Assim, o empresariado reproduz seus capitais, mas agride os sistemas ambientais com os objetos transformados em lixo. Sugere-se, aqui, a revisão dos padrões de consumo e o manejo dos resíduos de formas mais condizentes com os requerimentos ambientais.

PALAVRAS- CHAVE:

Resíduos sólidos, consumismo, necessidades, neoliberalismo, descarte, impactos ambientais

ABSTRACT:

Since the beginning of his history, man produces waste as a result of nature appropriation in order to satisfy his needs. With the technical and scientific advances, waste becomes diversified and complex in its composition. The rise of capitalism imposes new needs to the society. This paper discusses the creation of the new needs in the neoliberal model that pushes the consumer to acquire short life, discardprone and useless goods and services. Thus, entrepreneurs reproduce easily their capital, but provoke impacts on environmental systems due to things transformed in waste. It is proposed, herewith, the revision of consumer standards and solid waste management according to environmental requirements.

KEY WORDS:

Solid waste, consumptive behaviour, needs, neoliberalism, environmental impacts

Produção primitiva de resíduos

Como todo organismo vivo, o homem, para sobreviver, necessita de matérias e energia, elementos considerados aqui como insumos obtidos do processo de apropriação da natureza e transformados em bens ou mercadorias prontas para satisfazer os requerimentos básicos ou primários. Dessa forma, a humanidade tem se reproduzido por mais de um milhão de anos, num processo evolutivo traduzido na especialização somática, que lhe permitiu o desenvolvimento da capacidade de ubiqüidade, traduzida na possibilidade de seu assentamento em todo o planeta. Ao mesmo tempo,

ganhava em cultura, facilitadora das condições indispensáveis para se apropriar do espaço e assegurar sua sobrevivência, onde quer que se fixasse territorialmente.

Se considerado do ponto de vista sistêmico, o homem pode ser entendido como um sistema aberto, em cuja ponta de entrada é um consumidor de matéria e energia, advindas dos alimentos e do ar que respira, processando-os e transformando-os em outras formas energéticas, como ações, movimentos corporais e atividade mental realizados quotidianamente, os quais singularizam a sua existência e ação sobre a realidade concreta. Na ponta final do seu funcionamento como sistema, o

indivíduo humano evacua restos do metabolismo que, posteriormente, se integrarão aos mesmos sistemas produtores de insumos requeridos por meio de alimentos e ar, completando-se, assim, o ciclo da matéria. O consumo de matérias e energia corresponde ao que Lotka, citado por MARTÍNEZ ALIER (1992), denomina consumo endossomático.

Nesse processo simplificado de reprodução da existência, unicamente para atender às necessidades fisiológicas, o indivíduo elimina diversos resíduos nos três estados físicos: líquidos, assimilados pelo sistema hídrico; gasosos, pela atmosfera e, sólidos, pela litosfera e biosfera. Contudo, a atividade humana não se reduz apenas à da alimentação, existem outras necessidades básicas inerentes à espécie, ainda que os termos 'básico' ou 'primário' possam ser relativizados em função do grau cultural das comunidades. Completam o conjunto de necessidades materiais básicas, as de defesa, de conservação da espécie, de abrigo e outras, conforme a metodologia classificatória seguida. Para suprir tais demandas, sempre em aumento, são requeridas, igualmente, matérias e energias, abastecidas pelos quatro sistemas propostos por SOTCHAWA (1977), que, após um período determinado de uso ou uma vez consumidas, tornam-se também resíduos que deveriam ser decompostos e absorvidos pelos sistemas naturais.

Nas mais antigas formas de organização social humana, as necessidades integravam pequeno conjunto de requerimentos diretamente relacionados ao grau cultural alcançado pela comunidade na qual se inseria. Assim, no período neolítico, por exemplo, as necessidades eram extremamente restritas à alimentação, à defesa, à perpetuação da espécie e a outras de caráter cultural simples, vinculadas à satisfação espiritual de cada comunidade ou grupo social. Para isso, o homem se valia de elementos tecnológicos singelos baseados no uso da pedra, ossos, conchas, penas, madeiras e outros materiais de fácil obtenção e degradação. Por sua vez, o consumo destinado a satisfazer necessidades extra-básicas, forma parte do que Lotka (citado por MARTÍNEZ ALIER, 1992) chama de consumo exossomático.

No contexto de um modo de vida muito simplificado, que objetivava a reprodução da espécie, tanto as formas energéticas primárias, traduzidas em alimentos, como as matérias simples, representadas pelos elementos tecnológicos incipientes, eram obtidas diretamente dos sistemas naturais, passando, ou não, por etapas de transformação também muito rudimentares, pois o grau de desenvolvimento cultural era elementar.

Os produtos residuais dos consumos endo e exossomáticos, restringiam-se, portanto, a matérias em condições próximas às naturais, mesmo porque, ou se tratava de matérias consumidas nos seus estados iniciais, naturais (a maior parte dos alimentos, por exemplo), ou se tratava de objetos transformados e adaptados aos usos específicos requeridos, usando-se técnicas muito rudimentares e sem a adição ou emprego, no processo de transformação de outros componentes alheios às substâncias naturais (fogo, água, tintas naturais etc.).

Dada a constituição predominantemente orgânica, a maioria dos resíduos tornava-se facilmente assimilável pelos mecanismos de autorregulação dos mesmos sistemas naturais, sem a produção de desajustes ou impactos ambientais que pudessem comprometer sua homeostase. Em termos ecológicos, nos estágios mais primitivos, o homem era parte da biocenose, atuando como qualquer outro organismo vivo, realizando funções parecidas, captando, assimilando e eliminando matérias e energia, logo transformadas através dos mecanismos próprios da natureza, sem aumentar a entropia nem romper o equilíbrio homeostático, como acontece com o atual aperfeiçoamento da tecnologia (MARTÍNEZ e SCHLÜPMAN, 1991).

Novas Necessidades, Novos Consumos

Da Idade da Pedra até os dias presentes, muito tempo se passou; a humanidade evoluiu, a técnica e os conhecimentos científicos alcançaram níveis impressionantes de perfeição, as formas de relacionamento do homem com a natureza são

outras e as necessidades se sofisticaram a tal ponto, que o homem contemporâneo teria dificuldades imensas -ou talvez não tivesse sucesso-, se se pudesse regredir no tempo, em situar-se no paleolítico e tentar sobreviver, por exemplo. As necessidades situaram-se em patamares de sofisticação cada vez maiores e aumentam à medida e que o desenvolvimento técnico-cultural avança, pois crescem, conseqüentemente, as demandas. Nessa ampliação das necessidades, UTRIA (1986) distingue, entre os requerimentos básicos, as necessidades biológicas -ou primárias- e as culturais -ou secundárias. Entre as primeiras, ele inclui alimentação, espaço para assentamento e moradia, saúde, vestuário, proteção e segurança e outras; entre as culturais estão aquelas que dizem respeito à "...vinculação com o resto do sistema social e ao desenvolvimento do espírito" -trabalho, salário, educação, lazer, pensamento político, religioso, liberdades etc. Evidentemente, as necessidades básicas -endo- e exossomáticas- distanciaram-se enormemente das do homem da Idade da Pedra.

Como indicam os princípios da ecologia, cabe aos sistemas naturais (primeira ou segunda natureza, na terminologia usada por Marx), proporcionar os elementos materiais e energéticos para satisfazer as demandas crescentes, as que, transformadas na fase industrial e postas à disposição do mercado, são consumidas pelos indivíduos. Cabe, assim, aos sistemas naturais a tríplice função de fornecer insumos, servir de base para as fases de transformação, distribuição e comercialização e, por último, servir de contenedor para receber os resíduos e desperdícios gerados pelos desajustes múltiplos nas três etapas indicadas anteriormente, restos produzidos cada vez em maiores quantidades e mais estáveis ante a degradação.

Toda a história (e pré-história) da humanidade tem sido uma longa e inexorável caminhada de luta do homem pela subsistência e desenvolvimento em todos os âmbitos da sua realidade. Para tais objetivos, o meio geográfico tem sido o fornecedor do que requer. É a busca da satisfação de necessidades e de aspirações geracionais, específicas de cada momento histórico, num processo li-

near, ascendente, com ritmos de desenvolvimento diferenciados, mais lentos ou mais rápidos e, até mesmo regressivos, conforme fatores de diversa índole.

Os progressos científicos e tecnológicos decorrentes do anseio de tornar a vida mais fácil e confortável transformaram todas as facetas do quotidiano humano: modos de produção, estruturas sociais, modos comportamentais, ideologias e atitudes mentais (Salomon, Sagasti e Sachs, 1996), desenvolvimento que se opera cada vez com maior velocidade, quando um fator de grande envergadura começa a permear todos os campos da vida no Ocidente: o aparecimento do capitalismo, especialmente a partir da fase industrial, na segunda metade do século XVIII.

A abundante bibliografia existente abordando esse assunto consegue demonstrar que as necessidades humanas são satisfeitas pelos bens oriundos dos sistemas naturais, como já foi colocado, mas alguns dos recursos já estão esgotados, outros encontram-se em franco processo de esgotamento e outros, ainda, fortemente impactados e desajustados no seu funcionamento. Não aprofundaremos, aqui, esse aspecto, pois nosso interesse volta-se para o reconhecimento de como o crescimento e sofisticação das necessidades básicas produz cada vez mais resíduos. Com relação às necessidades primárias, pode-se reconhecer seu caráter limitado; o ato de comer é detido por um limite fisiológico do indivíduo que, se ultrapassado tal limiar, o impede de continuar comendo, ainda que se reconheçam as diferenças entre saciar-se com trufas, caviar e faisão, ou com arroz, feijão e farofa. No entanto, as necessidades secundárias (consumo exossomático) não conhecem senão os limites da imaginação, que são estabelecidos em função do poder aquisitivo, das preferências, da informação da cultura e de outros fatores. Como afirma Joan MARTÍNEZ ALIER (1992) "...tenemos instrucciones genéticas por lo que se refiere al consumo endosomático, pero la especie humana no tiene instrucciones genéticas respecto al consumo exosomático", elas são ilimitadas. Daí as dificuldades levantadas por BAUDRILLARD (1991), citando

Knight, para entender sua extensão: "As necessidades são as (sic) que de mais obstinadamente incógnito existe entre todas as incógnitas de que se ocupa a ciência econômica"

Consumismo

Sobre o consumo, DURNING (1994) entrega duas definições antitéticas: "Los economistas usan la palabra consumir con el significado de 'utilizar bienes económicos', pero la definición del *Shorter Oxford Dictionary* es más apropiada para los ecologistas: 'desechar o destruir, malgastar o derrochar; agotar'" (aspas do autor). Para entender o que se segue, ficaremos com os últimos sinônimos, pois exprimem bem melhor o que queremos explicitar na realidade.

LEISS (1976) estudou as necessidades fazendo um corte diacrônico, estabelecendo, para cada período histórico, necessidades específicas em função da organização econômica alcançada por uma comunidade determinada, conforme os padrões de intercâmbio comercial estabelecidos dentro e para fora dessa comunidade. O autor considera o consumo como "... chave na natureza humana, como um componente ontológico do ser" É incontestável que, sem o consumo de matéria e energia (*input*) para suprir demandas básicas, o indivíduo morre. Leiss reconhece quatro instâncias na história do desenvolvimento das necessidades humanas e do consumo: a primeira, das sociedades coletoras/caçadoras; depois, a dos assentamentos permanentes em pequena escala ou sociedades iniciando a produção dos meios de subsistência; a terceira, a dos assentamentos em larga escala, coincidentes com o estágio da civilização, na terminologia de Toynbee, com divisão do trabalho e a última instância, a do capitalismo e da industrialização.

Tanto MELLO (1988) como LEISS (1976) concordam em atribuir à sociedade capitalista e industrial -que nesse sentido não se diferencia da socialista antes de esta fenecer- a exacerbação na medida, beirando à irracionalidade, e no abuso do

consumo, uma vez que se fragmenta a noção do valor de uso de um objeto, com sua banalização e perda dos referenciais do sujeito com o objeto, uma vez que as mercadorias passam a ter um valor subestimado quando se generaliza seu consumo.

O período industrial caracteriza-se pela colocação de objetos nos mercados, cada vez mais diversificados, mais acessíveis ao consumidor e, em larga escala, a um público massivo, e não às elites, como acontecia anteriormente; são "...os homens da opulência que originam uma cultura material na forma de bens e locais de consumo" (Featherstone, 1995). Esses homens já "...não se encontram rodeados ...por outros homens, mas mais por objetos ... Vivemos o tempo dos objetos ...existimos conforme o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente" (BAUDRILLARD, 1991). A inovação dentro do campo da produção forma parte da realidade, sendo os objetos industrializados empurrados pelos empresários para o consumidor por múltiplos mecanismos de persuasão, como os apontados por DORFLES (1988), aos quais nos referiremos mais adiante.

Consumir tornou-se numa verdadeira febre social no mundo capitalista ocidental. No entanto, é mister destacar que nem toda a humanidade entrou na psicose consumista. Como a humanidade se polariza entre a pobreza e a riqueza, a escalada consumista apresenta-se com toda sua intensidade nos países desenvolvidos, com os Estados Unidos de Norte América, no topo da pirâmide; e também no "circuito superior" em que se enquadram os setores mais abastados da população nos países subdesenvolvidos (SANTOS, 1979). O resto das comunidades se debate entre a carência total de possibilidades para a obtenção de condições e conseguir o mínimo para assegurar a sua sobrevivência e o consumo 'moderado' de matérias e energia, inserindo-se, assim, dentro das três categorias restantes de sociedades enunciadas por LEISS (1979).

Ainda que com características diferentes, antes da Revolução Industrial já existia um certo exagero no ato de consumir, -"consumo conspícuo", "consumo extravagante" "super-consumo"

como os resume ORTIZ (1991), apoiando-se em diversos autores- embora, fosse um consumo em termos relativos. Nobreza e burguesia exibiam padrões de consumo superiores aos das classes sociais inferiores. Obedecendo a motivações orientadas para a manifestação de poder, elas demonstravam sua força exibindo opulência, ressaltando que o consumo era feito por um grupo minoritário, e que, se comparado com o atual, o fazia em pequena escala. No que diz respeito à eliminação de resíduos nessas etapas, caracterizavam-se pela pouca quantidade produzida e pela susceptibilidade ante a degradação pelos agentes naturais. O problema dos resíduos aparecia em menor escala e ainda era controlável.

Ao fator expansão do capitalismo industrial e suas formas superiores posteriores, tanto FEATHERSTONE (1995) como BAUDRILLARD (1991) acrescentam, como causas da expansão do consumo, a satisfação pessoal proporcionada pelos objetos; eles atuam como agentes que conferem *status* de hierarquia dentro do conjunto social. Featherstone acrescenta como terceira concepção, "...a questão dos prazeres emocionais do consumo e os sonhos e desejos celebrados no imaginário cultural consumista (que se materializa) em locais específicos de consumo que produzem diversos tipos de excitação física e prazeres estéticos". Para esse autor, tem-se estatuído uma verdadeira cultura do consumo, ou uma mística, impulsionadora de todo o processo de consecução de objetos que significam posição e classificação social das pessoas, diminuindo a importância da suposição comum de que o consumo deriva inequivocamente da expansão industrial.

É característico da natureza humana o instinto, se o podemos denominar assim, de possuir objetos, coisas, mercadorias; instinto reforçado por práticas culturais adquiridas e aceitas pelo grupo em que se situam os indivíduos. É o instinto de propriedade, para alguns autores. Daí deduzimos que a propensão para o consumo, como signo de *status* e como satisfação hedonista, conjuga-se com a vocação do capitalismo por acelerar a produção de objetos e conseguir, conseqüentemente, a re-

produção do capital. As três motivações não se excluem, complementam-se e solidarizam-se, empurrando a sociedade a esse impulso irresistível de consumir.

Incitação ao consumo

Condição prévia de uma comunidade para transformar-se numa sociedade de consumo é a capacidade de possuir níveis de rendimentos suficientemente compatíveis com a compra de objetos, ou seja, devem ter-se atingido patamares de desenvolvimento econômico capazes de gerar excedentes de dinheiro e poder dirigi-los à aquisição de bens, mercadorias e serviços desnecessários, suntuosos, em excesso, descartáveis e/ou de curta duração.

Dada a qualidade de estática das mercadorias -exceto algumas comercializadas vivas- elas exigem ser dinamizadas, há de se lhes atribuir atratividade para cativar os potenciais consumidores. Aflora, então, a necessidade de recorrer a princípios da semiótica para compreender que o consumo fundamenta-se na manipulação dirigida dos signos, como foi exposto por BAUDRILLARD (1991). O sociólogo francês argumenta que "...é o pensamento mágico que governa o consumo; é mais uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida quotidiana, é a mentalidade primitiva, no sentido em que foi definida como baseada na crença na onipotência dos pensamentos; no caso presente, trata-se da crença, na onipotência dos *signos* da felicidade. As satisfações que os objetos em si conferem(...)são o reflexo antecipado da Grande Satisfação virtual, da Opulência total, da jubilação derradeira dos miraculados definitivos, cuja esperança louca alimenta a banalidade quotidiana" (grifo do autor).

Para dinamizar os objetos e colocá-los à disposição do consumidor, eles são apresentados em embalagens atraentes, novidasas, para impactar os sentidos e a curiosidade, embalagens de formatos sedutores, em cores cativantes para atrair a atenção do comprador. São todas embalagens

desnecessárias, sobredimensionadas, pois o que importa e o que se compra é o conteúdo, muitas delas têm custo bastante elevado, chegando a representar até 65% do valor do produto, como no caso de certos cosméticos. Embrulhos e embalagens, enfim, são simplesmente lixo que atormenta as autoridades municipais do setor de limpeza de todo o mundo.

Os objetos são comercializados em estabelecimentos que se esmeram por prender a atenção dos compradores. Trava-se uma verdadeira luta para compeli-los a comprar, qualquer coisa, ainda que dela não precisem. As vendas se materializam em locais especiais, indo desde o simples armazém, até os sofisticados *drugstores*, *malls* e *shopping centers*, passando pelas lojas de departamentos, supermercados, entre outras formas de vendas virtuais mais modernas apoiadas na computação e nas telecomunicações. Esses espaços oferecem mercadorias e serviços os mais variados, e de formas as mais sedutoras imagináveis. Na atualidade, os *shopping centers* têm se constituído no que PINTAUDI (1991) chama de “templos da mercadoria” onde os indivíduos encontram toda a gama de objetos para comprar e serviços *ad hoc*, tudo em ambientes climatizados, musicais, esterilizados e seguros, visando criar ambientes especiais, reunindo sob um mesmo teto indivíduos que obedecem aos mesmos padrões comportamentais ou que fingem respeitá-los.

Contribuem decisivamente com o escoamento das mercadorias e serviços as técnicas de *marketing* e propaganda modernas, porque despertam nos comuns dos mortais o irresistível desejo de, através do consumo de determinado produto ‘exclusivo’, tornar-se igual às mais badaladas e famosas personagens que usam tal ou qual produto. A mídia dita modas e tendências, e para isso, conta com os gigantescos recursos audiovisuais arqui conhecidos. Os meios de comunicação e propaganda impõem usos, encaixam as pessoas dentro de marcas ou grifes, “...el papel de las marcas en la sociedad de consumo es como el mito nas sociedades tradicionales...” aponta DURNING (1994); seu uso (ou crença) distingue um grupo de

outro, tentar fugir das marcas e grifes, como explica DORFLES (1988), passou a ser extremamente difícil, e já é quase impossível, para a maioria dos indivíduos, viver fora da moda, pois o conjunto social se encarrega de rejeitá-los. Ultrapassada uma moda, os objetos tornam-se obsoletos, sem o signo que os caracterizava e que dava categoria, transformam-se em descartáveis e, portanto, coisas velhas das quais há, obrigatoriamente, que de desvencilhar, em outras palavras, mais lixo.

Liquidações, promoções, descontos, prêmios, crediário, *leasing* e tantos outros artifícios são utilizados para promover as vendas, encorajando o comprador a obter objetos dispensáveis; e, como o poder de sedução é grande, até o indivíduo mais irredutível torna-se vulnerável e termina comprando, muitas vezes, objetos não programados.

Necessidade de mudanças

Altwater publicou, em 1994, o livro ‘El Precio del Bienestar’, em que analisa as conseqüências do desenvolvimento econômico em termos da injustiça com as sociedades pobres do Sul e com os sistemas ambientais, enfocando, especialmente o desperdício de recursos finitos por parte dos países ricos que os exploram. Além disso, critica a idéia da aplicabilidade desses modelos dos ricos às economias pobres; pois teriam conseqüências ambientais desastrosas. Ao modelo consumista nefasto de desenvolvimento, existem outras formas alternativas possíveis de materializar, mais condizentes com o meio ambiente, que salvaguardam as reservas de matérias e energia dos países pobres. No que diz respeito ao consumo, acreditamos ser viável elevar seu nível e satisfazer as necessidades reprimidas, sem cair na praga do consumismo. Uma sociedade que propicia a satisfação das necessidades das pessoas dentro de padrões toleráveis de aquisição de objetos, não tem problemas em se reproduzir, respeitando princípios de justiça social e ambiental, podendo, inclusive, no seu interior, fomentar o consumo controlado, sem exacerbação. BROWN (1987), afirma que

"en una sociedad donde las riquezas y las posesiones materiales confieren *status*, el consumo excesivo y muy visible manifiesta ese *status* a otras personas. Pero donde se aplica la frugalidad y el uso cuidadoso de recursos, la frugalidad conspicua también transmite el mensaje" É essa mensagem que queremos destacar, o consumo moderado também produz um efeito multiplicador dentro da sociedade.

Como afirmativa, no mínimo folclórica, circula certo argumento absurdo de alguns pesquisadores de países industrializados, sugerindo que as comunidades não desenvolvidas devem permanecer tal como estão, porque pobreza e não-consumo seriam vantajosos e menos agressivos ao ambiente; sem meios econômicos, os pobres consomem menos. A maior parte da bibliografia rejeita a afirmação, pois a pobreza, comprovadamente, agride os sistemas ambientais tanto quanto a riqueza. Ao mesmo tempo, não é possível sustentar que as sociedades industriais se mantenham no mesmo estágio, sem evoluir. A proposta consiste em 'nivelar por cima' as comunidades postergadas, ou atrasadas, em relação ao crescimento socioeconômico e manter, ou diminuir, o ritmo de desenvolvimento das comunidades que desfrutam da fartura; noutras palavras, chegar a um crescimento zero, como sustenta Daly (1989) e tantos outros economistas. Inclusive, seria conveniente falar em desaceleração, e, até mesmo, em decréscimo, para aqueles setores sociais com acesso desmedido e irracional aos bens e serviços, que contam com um amplo leque de necessidades básicas e secundárias já satisfeitas; aqui poder-se-ia 'nivelar por baixo'

Talvez a proposição possa sugerir extemporneidade ou utopia. Como induzir aos ricos a consumir menos? E como propiciar a melhoria dos pobres? Na verdade, estamos bem distante da realidade, mas alguma iniciativa deve ser tomada. O *statu quo* atual só agrava a situação social e ambiental; boas intenções não faltam, e muitos já alertaram para a urgência de se tomarem medidas no sentido de diminuir o ritmo de crescimento dos países do Norte e aumentar as possibilidades nas economias do Sul. Mas, o problema não resulta mui-

to simples de solucionar, e sua adequação, obrigatoriamente, passa pela discussão dos princípios reitores do capitalismo, das formas neoliberais da atual globalização de todas as atividades humanas e, no fundo, dos fundamentos em que se alicerça a denominada civilização ocidental. Pode ser uma utopia possível, pois já se observam alguns sintomas de mudança, no comportamento dos indivíduos em algumas formas de produção. Se pensarmos como Lester BROWN, já indicado, a frugalidade também é contagiosa. Resulta ser descabido continuar aceitando o pensamento de HIRSH, citado por MARTÍNEZ ALIER (1992), de que "...la satisfacción causada por los 'bienes posicionales' disminuyen si muchas personas los poseen" (aspas do autor), colocação aplicável, possivelmente, nas sociedades ricas; nas pobres, carentes de tudo, seria ilusão querer atenuar a vontade de conseguir objetos, pois elas não têm nada.

Ônus do consumismo

Com mais força que nunca, é necessário despojar-se da idéia de que as ações de consumir promovem a melhoria das condições de vida; pelo contrário, a frugalidade permite viver melhor e mais quando se alcançam níveis de satisfação de necessidades aceitáveis para todo um grupo social. Devemos aprender a domesticar o consumo, como instiga DURNING (1994). Trata-se de reaprender a consumir e mudar de hábitos (ALPHANDÉRY, BITOUN e DUPONT, 1992). Os objetos não constituem a felicidade em si; existem outras formas de conseguila e, ao mesmo tempo, de ordenar a sociedade, não mais sobre a base da acumulação de bens materiais, mas a de classificação dos indivíduos de acordo com valores mais transcendentais, de tipo espiritual, cultural, entre outros.

Vivemos numa economia de fluxo, na qual os objetos são produzidos para ser rapidamente substituídos por outros mais novos, quando não descartáveis, num processo de aceleração da sua caducidade. Chega-se ao extremo de que alguns indivíduos sofrem até de compulsividade por com-

prar. Nessas sociedades as pessoas perdem os referenciais do valor e da utilidade dos objetos, considerando-os inúteis depois de um certo tempo, mesmo quando ainda têm utilidade. "Una economía de consumo masivo, de rápida obsolescencia y reposición, no puede abstenerse de fomentar una actitud de despilfarro frente a los bienes artificiales, sin importar su calidad. No hay tiempo para aficionarse a nada ...Y en todo caso, pronto será substituído por un modelo nuevo. En consecuencia, todo lo que se compra se convierte en 'basura potencial' y se le trata como tal" -aspas do autor (MISHAN, 1989). Assim, as pessoas não têm apego aos objetos que comprem porque mentalmente estão condicionadas para descartá-los.

Para a indústria, quanto mais produzir, e mais rapidamente, melhor, pouco se importando com as deseconomias, especialmente as referentes aos impactos por resíduos sólidos; prova disso está na escassa importância devotada ao assunto, especialmente nos Estados Unidos, que têm dado prioridade à resolução dos impactos sobre a atmosfera e sobre os corpos de água, mesmo porque os efeitos negativos dos mesmos são de caráter areal; a poluição expande-se por espaços maiores, enquanto as agressões do lixo são pontuais, por serem resíduos no estado sólido (Cairncross, 1995). A atitude dos norte-americanos se enquadra muito bem na chamada sociedade *NIMBY* (*not in my back yard*: no meu quintal não), como CAIRNCROSS (1992) apelida aquelas pessoas que esbanjam, poluem, mas querem os restos o mais longe possível, sem se responsabilizar pelos impactos gerados. Diga-se de passagem, que os estadunidenses, com seu poderio econômico, estão mais preocupados com dar soluções técnicas ao lixo do que em revisar os padrões de consumo, redesenhar embalagens, evitar desperdício, e banir a economia de fluxo; é mais cômodo pagar para seguir poluindo, sem importar-se pelos danos ambientais decorrentes.

Referente à economia de fluxo, frisamos que para poder conseguir comercializar os bens industrializados, o empresariado destina anualmente vultosas quantidades de dinheiro para gerar en-

tre os indivíduos, a insatisfação ante as objetos já possuídos; a publicidade se encarrega de fomentar o descontentamento, criando, artificialmente, novas necessidades para, assim, conseguir renovar o arsenal de objetos inúteis adquiridos pelos compradores alienados, como aponta MISHAN, antes referido. Reafirmando esta idéia, LACERDA (1992) escrevia, numa revista paulista, sobre o esbanjamento japonês, o seguinte: "A farra do consumo que se vê no Japão ...explica o principal motivo do sucesso econômico do país: o de ter em casa um mercado de 130 milhões de consumidores ávidos por desfrutar qualquer bem de consumo, desde que seja o último modelo ... (lá) corre-se o risco de comprar o último modelo de TV e, ao ligá-lo em casa, ser informado de que algo mais avançado acaba de chegar às lojas".

O caso japonês serve de exemplo para ilustrar até que ponto o consumismo alcançou e o preço que a sociedade, em seu conjunto, deve arcar para administrar as milhões de toneladas de resíduos sólidos evacuadas diariamente nesse país lixo, aliás, de alto valor econômico. O poder público confronta-se com graves e difíceis desafios para administrar a questão dos resíduos em constante aumento e cada vez mais complicados de tratar; entre esses agravantes, dois apresentam-se como mais importantes: a dificuldade para conseguir espaços para a disposição final e o alto custo a ser pago para manter um sistema eficiente para coletar, transportar, tratar e dispor o lixo.

No Brasil se sintetizam as características do consumismo anteriormente expostas, típicas das sociedades em vias de desenvolvimento, e as contradições entre os pequenos grupos abastados localizados nos enclaves de riqueza dentro do mar de pobreza. A primeira categoria, formando o que Milton SANTOS entende como "circuito superior" está conectada ao que há de mais moderno e globalizado do mundo desenvolvido, alienada e esnobe, usufruindo de altas rendas, suficientes para consumir e esbanjar nos mesmos moldes feitos pela sociedade norte-americana à qual imita nos padrões de vida. O "circuito inferior" segunda categoria, é formado por um importante setor que se

debate entre a miséria e pobreza, com poder de compra apenas para a auto-sustentação, geralmente também alienado na miséria, sem enxergar saídas, enclausurado na maior parte das vezes num conformismo estóico, esperando o assistencialismo de terceiros, fruto da sua incultura. No meio dos dois grupos sociais, um crescente segmento populacional que luta para não cair no circuito inferior da economia e que se esforça para progredir, emulando aos grupos superiores, fazendo tudo o que está ao seu alcance para não perder a posição conquistada. Estes últimos representam o cidadão médio brasileiro, que é produtor, em medida razoável, de resíduos sólidos, sem esbanjar, mas também sem denotar miséria.

Para dar um exemplo, ilustrando que a sociedade brasileira aproxima-se, igualmente, às sociedades industriais esbanjadoras de riqueza, diremos que, embora nosso caráter de subdesenvolvidos, ainda assim, o país se dá o luxo de malbaratar entre 25% e 50% da produção de hortifrutigranjeiros, e 25% da produção de grãos esfuma-se entre o canteiro de produção do fazendeiro e a mesa do consumidor (Berríos, 1998), desviando-se alimentos dos que mais necessitam-no. Esta forma de desperdício resulta ser tanto o mais condenável que as anteriores, porque se deixa de alimentar a milhares de pessoas.

O ônus do descarte de resíduos e as deficiências na sua gestão e manejo, seja essa municipal, seja terceirizada, tem despertado nossa atenção. Nossa pesquisa, volta-se para a questão dos resíduos sólidos no Brasil e na América Latina, a partir de diversos ângulos de análise, dentro do campo das ciências sociais e da ecologia, enfatizando a participação da sociedade nas ações de planejamento, no manejo e destinação final dos resíduos, bem como as implicações econômicas e ambientais (BERRÍOS, 1992; 1993a; 1993b; 1993c; 1993d; 1996; 1997a; 1997b; 1997c; 1998; 1999), citados os trabalhos mais significativos editados nos últimos sete anos. Com o intuito de sintetizar os desajustes e problemas, diretos ou indiretos, gerados pelo manejo deficiente do lixo nos sistemas ambientais e nos indivíduos, agrupámo-los confor-

me os impactos promovidos, nas categorias arroladas a seguir: 1) no meio ambiente, incluindo aqui, as agressões aos quatro sistemas naturais; 2) na sociedade, considerando-a como agente que produz resíduos e como paciente que recebe o rigor dos impactos e outros aspectos como os de geração de emprego, dos catadores de rua, etc. 3) na economia, ao analisar o dispêndio da matéria e da energia contidas no lixo, sua reciclagem industrial e custos operacionais do serviço; e 4) no espaço geográfico, salientando a carência de locais para instalar plantas de tratamento, falta de locais para a sua disposição final, problemas na coleta urbana e outros. Temos a convicção de serem solucionáveis todos os impactos ocasionados pelo mal manejo dos resíduos, tanto por parte dos indivíduos, como do poder público. Para isso é mister contar com consciência ambiental, com vontade política e com alguns recursos econômicos.

Nos últimos anos, parece auspiciosa a constatação de o que poderia ser um grande problema a resolver, um ônus a mais para a sociedade carregar nas costas, transformou-se, em algumas comunidades, num desafio a ser vencido, num leque de opções para problemas energéticos, sociais, políticos e mesmo, ambientais, com promissoras oportunidades para todos. Claro que essas saídas unicamente mitigam o problema fundamental e não atacam o essencial, as tendências desmedidas ao consumo. Mas, não menos significativo, hoje, o que era um peso para as autoridades municipais constituiu-se na solução para múltiplos problemas, a qual favorecerá empresários e trabalhadores. Na França, particularmente, Bertolini (1996) avista, nos resíduos, novas alternativas para empregar mão-de-obra, amalgamando recursos materiais e humanos para a solução do problema crônico daquele país. Numa outra publicação, o mesmo BERTOLINI (1991) eleva os resíduos sólidos à qualidade de matéria-prima, com muito boas chances para negócios na França e na Europa. Por outro lado, VATIMBELLA (1992) analisa o amplo mercado aberto para o setor industrial pelo desenvolvimento de sistemas de proteção ambiental, investigando-o em termos de tecnologias antipoluentes e

produtos ecologicamente corretos. Meyronneinc (1993) levanta a questão das potencialidades econômicas e laborais representadas pela reciclagem, recuperação, incineração e estocagem de resíduos, atividades em que se pode investir com confiança e para dar emprego no setor primário, indústria e serviços. Por último, MAYSTRE et al. (1994) recomenda alternativas para o que fazer com os resíduos sólidos, propondo novas estratégias para sua gestão visando ao aproveitamento econômico.

Produção futura de resíduos

Nos próximos anos terão que ser realizadas importantes e profundas mudanças nos sistemas produção de bens e serviços, nos hábitos de consumo, nas técnicas de reciclagem e nas modalidades de destinação final dos resíduos sólidos

Em todo o mundo se observa que as metrópoles e grandes cidades, não têm mais condições de contar com espaços disponíveis para comportar novos aterros sanitários; áreas aptas para este objetivo não existem ou apresentam restrições de uso, conforme a legislação. Por outro lado e em consideração à iminente escassez e esgotamento de muitos recursos naturais e à elevação dos seus preços, escapa à toda lógica continuar aterrando montanhas de materiais ricos em conteúdo energético e passíveis de reciclar grande parte dos seus componentes para obter novos produtos. Conforme o anterior, deriva-se ser inconcebível continuar dispendendo grandes quantidades de elementos que podem e devem passar pelo circuito de transformação da matéria, comumente denominado de processo dos "4 Rs" ou seja, reciclar, recuperar, reaproveitar e reduzir.

Para aproximar-se à observância do preceito dos "4 Rs" deve-se, como desafio fundamental, desenvolver uma consciência de conservação e respeito ambiental, além do uso racional dos recursos oferecidos pelos sistemas naturais. Trata-se de um verdadeiro desafio para ser iniciado no próximo milênio apontando devolver à natureza o que lhe pertence e/ou poupando-a da sua pesada contribuição. Somente no lixo doméstico,

algo em torno de $\frac{3}{4}$ partes dos seus componentes pode ser reincorporada aos sistemas naturais, via compostagem ou recuperada através da reciclagem industrial ou, ainda, reaproveitada através de outras formas (Berrios, 1993c). Terão que ser vencidos os atuais impedimentos de ordem técnica, financeira e preconceitos relativos à rejeição da idéia popular equivocada que acha que os objetos reciclados ou reaproveitados não oferecem bons padrões de higiene e de segurança. É de vital importância recuperar objetos usados, eles não podem continuar sendo descartáveis depois de uma primeira e única utilização. As práticas de consertar e não jogar artefatos quebrados devem se impor. Parte significativa dos restos sem condições de uso para o originalmente planejado, pode ser reutilizada para outros objetivos e cumprir novas funções sem inconvenientes. A redução deve ser entendida no sentido de diminuir os padrões de consumo desmedido e no sentido de reduzir as embalagens e vasilhames, visando diminuir na fonte a geração de resíduos.

Finalmente, o mais importante e pesado desafio a ser alcançado na premissa antes citada, consiste em domesticar o consumo. Para conseguir tal objetivo, a condição *sine qua non* estriba na determinação dos limites do consumismo, o que, por sua vez, necessariamente implica na revisão do conceito necessidades humanas. Há unanimidade entre os estudiosos do tema em afirmar que limitar as necessidades seria quase impossível dentro do presente ordenamento social, político e econômico. Elas se desenvolvem em função dos avanços técnicos e do poder aquisitivo, principalmente dos setores sociais mais abastados; impedir que se desenvolvam e consumam, nas condições atuais é impossível.

Mas, por outro lado, constitui-se numa verdade irrefutável o fato que a reprodução incontrolada do atual modelo de consumo do modelo capitalista neoliberal passou a ser inviável, não pode continuar. Surge, então, a forçosa urgência de decidir: ou se controla a produção de resíduos, ou eles tomarão conta da vida, não só humana, senão a da maioria dos seres vivos.

Bibliografia

- ALPHANDÉRY, P., BITOUN, P. & DUPONT, Y. 1993: *O equívoco ecológico. Riscos políticos da inconsequência*. São Paulo, Brasiliense.
- ALTVATER, ELMAR. 1994: *El precio del bienestar. Expolio del medio ambiente y nuevo (des) orden mundial*. Valencia, Edicions Alfons el Manànim/Generalitat Valenciana.
- BOUDRILLARD, JEAN. 1991: *A sociedade de consumo*. Lisboa, Edições 70.
- BERRÍOS, MANUEL R. 1992: "Modo de producción capitalista, generación de residuos y contaminación ambiental." *Sociedade e Natureza*, 5(9-10). Uberlândia, DG-UFU.
- _____. 1993a: "Generación de residuos dentro de un modo de producción injusto." *IV Encuentro de Geógrafos de América Latina*, vol.2. Mérida, Ven. 20/03-03/04/93.
- _____. 1993b: "El futuro de los residuos sólidos en la sociedad latinoamericana." *54ª Semana de Geografía de la GAEA*. San Luis, Arg., 20-24/09/93.
- _____. 1993c: "O que está por trás da produção de resíduos." *Seminários, texto 03*. Rio Claro, LEUA, Dept. Planejamento Regional, UNESP.
- _____. 1993d: "Analysis of some brazilian voluntary recycling programs." *The Ninth International Conference of Solid Waste Management*. Philadelphia, 14-17/11/93.
- _____. 1994a: "Abolição das fronteiras nacionais na destinação final de resíduos." *Encontro Internacional Lugar, Formação Sócio-Espacial, Mundo*. ANPEG/DG-USP. São Paulo, 07-09/09/94.
- _____. 1994b: "Methodological proposal to introduce a voluntary recycling program in a third world city." *The Tenth Conference of Solid Waste Management*. Washington, 13-16/11/94.
- _____. 1995: "Capitalismo, degradación ambiental, producción de residuos sólidos." *V Encuentro de Geógrafos de América Latina*. La Habana, 31/07-05/08/95.
- _____. 1996: "Deficiências no manejo dos resíduos sólidos no Brasil. O lixo urbano e problemas derivados." *3º Congresso de Ecologia do Brasil*. Brasília, SEB/UNB. 06/11/96.
- _____. 1997a: "Desarrollo, consumismo, producción de residuos, impacto ambiental." *VI Encuentro de Geógrafos de América Latina*. IG-FFL-UBAs. Buenos Aires, Arg., 17-23/03/97.
- _____. 1997b: "Técnicas de amostragem de resíduos sólidos." H. Maia, N. Martos, orgs. *Indicadores Ambientais*. Sorocaba, PUC-SP/DQ.
- _____. 1998: "Medio ambiente y problemas socioeconómicos. Residuos sólidos en São Vicente, SP/BR." IN: *IV Congreso Internacional de Gestión en Recursos Naturales*. Puyehue, Chile, 23-27/11/98.
- BERTOLINI, GÉRARD. 1990: *Le marché des ordures. Economie et gestion des déchets ménagers*. Paris, L'Harmattan, col. Environnement.
- _____. 1996: *Déchet, mode d'emploi*. Paris, Economica, col. Environnement.
- BROWN, LESTER R. 1987: *Edificando una sociedad perdurable*. México, Fondo de Cultura Económica, Sección de Obras de Economía.
- CAIRNCROSS, FRANCES. 1992: *Meio ambiente. Custos e benefícios*. São Paulo, Nobel.
- _____. 1995: *Green, Incorporation. A guide to business and the environment*. Washington/Covelo, Island Press.
- DALY, HERMAN. 1989: Introducción a la economía en estado estacionario. IN: Herman Daly, compilador *Economía, Ecología, Ética*. Fondo de Cultura Económica, México.
- DORFLES, GILLO. 1988: *A moda da moda*. Lisboa, Edições 70.
- DURNING, ALAN. 1994: *¿Cuánto es bastante? La sociedad de consumo y el futuro de la Tierra*. Barcelona, Apóstrofe Divulgación.
- FEATHERSTONE, MIKE. 1995: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo, Studio Nobel, col. Cidade Aberta.
- LACERDA, MARCO. 1992: "No Japão, o lixo é luxo." *Exame*, 19/02/9. São Paulo, Ed. Abril.

- LEISS, WILLIAM. 1976: *The limits to satisfaction*. Toronto, University of Toronto Press.
- MARTÍNEZ ALIER, JOAN. 1992: *De la economía ecológica al ecologismo popular*. Barcelona, Icaria/Antrozit.
- ____ & SCHLÜPMANN, KLAUS. 1991: *La ecología y la economía*. México, Fondo de Cultura Económica. Textos de Economía.
- MAYSTRE, LUCIEN et al. 1994: *Déchets urbaines. Nature et caractérisation*. Lausanne, Presses Polytechniques et Universitaires Romandes.
- MELLOS, KOULA. 1988: *Perspectives on ecology. A critical essay*. New York, Saint Martin's Press.
- MEYRONNEINC, JEAN-PAUL. 1993: *Plaidoyer pour déchets*. Rennes, Apogée.
- MISHANE, J. 1989: "El crecimiento de la abundancia y la dimensión del bienestar. IN: Daly H. (compilador) *Economía, Ecología, Ética*. México, Fondo de Cultura Económica.
- ORTIZ, RENATO. 1991: *Cultura e modernidade*. São Paulo, Brasiliense
- PINTAUDI, SILVANA 1992: "O shopping center no Brasil. Condições de surgimento e estratégia de localização." IN: Pintaui, S. & Forigoli, H. (org) *Espaço, Cultura e Modernidade nas Cidades Brasileiras*. S. Pintaui e H. Frúgoli, São Paulo, EDUNESP.
- SALOMON, J-J., SAGASTI, F. & SACHS, C. 1996: Introducción. De la tradición a la modernidad. IN: J. Salomon, F. Sagasti & C. Sachs, compiladores. *Una Búsqueda Incierta. Ciencia, Tecnología y Desarrollo*. México, Ed. Universidad de las N. U./CIDE/El Trimestre Económico-Fondo de Cultura Económica.
- SANTOS, MILTON. 1979: *O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, col. Ciências Sociais.
- SOTCHAWA, V. B. 1977: "O estudo de geossistemas. *Métodos em Questão*." São Paulo, IG-USP. Nº 16.
- UTRIA, RUBÉN. 1986: *La dimensión ambiental del desarrollo*. Bogotá, Fundación Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano.
- VATIMBELLA, ALEXANDRE. 1992: *Le capitalisme vert*. Paris, Syros-Alternatives.

